

## INFORMAÇÕES, POR FAVOR!

Paul Villiard

Quando eu era criança, minha família era proprietária de um dos primeiros telefones da vizinhança. Eu me lembro bem da lustrosa caixa de carvalho instalada na parede embaixo da escada. O fone reluzente ficava pendurado do lado da caixa. Lembro-me até do número: 105. Eu era pequeno demais para alcançar o telefone, mas costumava ouvir, fascinado, quando minha mãe o utilizava. Certa vez, ela me levantou para que eu pudesse falar com meu pai, que estava viajando a negócios. Foi um momento mágico!

Depois, descobri que, em algum lugar dentro daquele aparelho sensacional, morava uma pessoa maravilhosa. O nome dessa pessoa era "Informações, por Favor!", e não havia nada que ela não soubesse.

Minha mãe sempre recorria a ela para saber o número do telefone de alguém; quando nosso relógio não funcionava, "Informações, por Favor!" fornecia imediatamente a hora certa.

Minha primeira experiência pessoal com aquele "gênio da caixa" ocorreu, certo dia, quando minha mãe se encontrava na casa de uma vizinha. Enquanto eu brincava com a caixa de ferramentas no porão, dei uma martelada no dedo. A dor foi terrível, mas de nada adiantava chorar porque não havia ninguém em casa para me consolar. Caminhei pela casa chupando o dedo machucado até chegar perto da escada. O telefone! Corri para pegar o banquinho na sala de visitas e arrastei-o para perto do telefone. Subi no banquinho, tirei o fone do gancho e encostei-o na orelha.

- Informações, por Favor! - eu disse, tentando alcançar o bocal, um pouco acima de minha cabeça.

Após um clique ou dois, uma voz clara falou ao meu ouvido:

- Informações.

- Eu machuquei o dedo - choraminguei ao telefone.

Agora que eu tinha com quem falar, as lágrimas começaram a correr.

- Sua mãe não está em casa? - foi a pergunta.

- Não, estou sozinho - respondi por entre as lágrimas.

- Está saindo sangue?

- Não. Dei uma martelada no dedo e está doendo.

- Você sabe abrir a geladeira? - ela perguntou.

Respondi que sabia.

- Então, pegue um pedacinho de gelo e segure-o em cima do dedo.

Vai parar de doer. Mas tome cuidado com o gelo - ela me advertiu. E não chore. Vai dar tudo certo.

Depois disso, passei a ligar para "Informações, por Favor!", para conseguir qualquer coisa. Pedi ajuda para minhas lições de geografia, e ela me disse onde ficava a cidade de Filadélfia e o Orinoco o romântico rio que eu viria a explorar quando crescesse. Ela me ajudou na aritmética e me contou que o esquilo - que eu pegara no parque no dia anterior - comia frutas e nozes.

E chegou o dia em que Petey, nosso canarinho, morreu. Liguei para "Informações, por Favor!" e lhe contei minha triste história.

Ela ouviu e repetiu aquelas palavras que os adultos costumam dizer para consolar uma criança. Mas eu estava inconsolável: Por que os passarinhos, que cantam tão bonito e alegram a família inteira, acabam se transformando em um montinho de penas com os pés para cima no fundo de uma gaiola?

Ela deve ter percebido a intensidade de minha tristeza, porque disse em voz baixa:

- Paul, lembre-se sempre de que existem outros mundos em que podemos cantar.

Eu me senti melhor.

No dia seguinte, lá estava eu ao telefone.

- Informações - disse a voz que eu agora conhecia bem.

- Como se escreve "consertar"? - perguntei.

- No sentido de consertar alguma coisa? C-O-N-S-E-R-T-A-R.

Naquele momento, minha irmã, que tinha o péssimo hábito de me assustar, saltou da escada em minha direção e gritou:

- laaaaaaa!

Eu caí do banquinho e arranquei, sem querer, o fone da caixa com todos os fios. Minha irmã e eu ficamos aterrorizados. "Informações, por Favor!" não respondia mais, e eu não sabia se a magoara por ter arrancado o fone da caixa.

Minutos depois, apareceu um homem na varanda.

- Sou funcionário da companhia telefônica. Eu estava trabalhando lá embaixo, nesta rua, e a telefonista me disse que deve haver algum problema com este número de telefone. - Ele pegou o fone da minha mão e perguntou:

- O que aconteceu?

Eu lhe contei o que havia acontecido.

- Bem, podemos resolver esse problema em um minuto ou dois.

Ele abriu a caixa do telefone, deixando à mostra uma confusão de fios e molas, e começou a mexer no fio principal do telefone, prendendo tudo com uma pequena chave de fenda. Depois de levantar e abaixar o gancho algumas vezes, ele falou ao telefone.

- Oi, aqui é Pete. Está tudo em ordem com o 105. A irmã do garoto o assustou, e ele puxou os fios da caixa.

O homem desligou, sorriu, deu um tapinha em minha cabeça e atravessou a porta.

Tudo isso aconteceu em uma cidadezinha a noroeste do Pacífico.

Quando eu tinha nove anos, mudamos para Boston - do outro lado do país - e passei a sentir falta de minha mentora. "Informações, por Favor!" pertencia àquela velha caixa de madeira da outra casa, e eu nunca pensei em tentar procurá-la naquele novo e imponente telefone que ficava na mesinha do hall.

Mesmo quando cheguei à adolescência, as lembranças daquelas conversas dos tempos de infância nunca me abandonaram; em momentos de dúvidas e dificuldades, eu me lembrava da voz serena que me transmitia segurança quando eu ligava para "Informações, por Favor!" e obtinha a resposta certa. Hoje eu entendo a paciência, a compreensão e a bondade daquela pessoa que perdia o seu precioso tempo com um garotinho.

Alguns anos mais tarde, quando eu estava a caminho da faculdade, no Oeste, meu avião pousou em Seattle. A conexão com o vôo seguinte levaria cerca de meia hora. Passei 15 minutos ou mais ao telefone conversando com minha irmã, que agora era uma senhora casada, mãe e se sentia feliz. Em seguida, sem pensar no que estava fazendo, disquei para a telefonista de minha cidade natal e disse:

- Informações, por Favor!

Como se fosse um milagre, ouvi novamente a voz clara e firme, que eu conhecia tão bem:

- Informações.

Eu não tinha planejado nada, mas me ouvi dizendo:

- Por favor, poderia me informar como se escreve a palavra "consertar"?

Depois de uma longa pausa, ouvi a voz delicada responder:

- Acho - disse "Informações, por Favor!" - que seu dedo já deve estar curado.

Eu ri.

- Quer dizer que você continua aí. Acho que você não faz idéia do significado que teve em minha vida durante todo aquele tempo...

- Acho - ela replicou - que você não sabe o significado que teve em minha vida. Não tive filhos e ficava aguardando, ansiosa, suas ligações. Bobagem, não?

Não era bobagem, mas eu não disse isso. Eu lhe contei que pensei nela com muita frequência durante aqueles anos e perguntei se poderia ligar novamente quando voltasse a visitar minha irmã, depois do encerramento do primeiro semestre.

- Por favor, ligue. Peça para falar com Sally.

- Até logo, Sally. - Parecia estranho que "Informações, por Favor!" tivesse nome. - Se eu encontrar algum esquilo, vou dizer a ele para comer frutas e nozes.

- Faça isso - ela disse. - E espero que num desses dias você vá conhecer o Orinoco. Bem, até logo.

Três meses depois, eu estava de volta ao aeroporto de Seattle. Uma voz diferente atendeu:

- Informações.

Pedi para falar com Sally.

- Você é amigo dela?

- Sim - respondi. - Um velho amigo.

- Lamento muito informar, mas Sally só trabalhava meio expediente nos últimos anos porque estava muito doente. Ela morreu há cinco semanas.

Antes que eu tivesse tempo de desligar, ela continuou:

- Espere um momento. Você disse que seu nome é Villiard?

-Sim.

- Bem... Sally deixou um recado escrito para você.

- Que recado? - perguntei, quase adivinhando do que se tratava.

- Aqui está. É o seguinte: "Diga a ele que eu continuo a achar que existem outros mundos em que podemos cantar. Ele vai entender." Agradei e desliguei. Eu entendi o que Sally quis dizer.